

**VIRAR AS ARMAS PARA DENTRO**

**DEPOIS DA "INDEPENDÊNCIA"  
GANHARÃO 30 CONTOS**

*Noticias 16/7/80, p.3*

- diziam os cabecilhas contra-revolucionários aos seus recrutados forçados, para os aliciarem
- ★ Da ganância ao regionalismo e do roubo de galinhas à suruma três vezes ao dia

Salimo Sualé é um homem maduro (37 anos de idade), natural da Zambézia. Foi capturado pelas Forças de Defesa e Segurança em Inhaminga e estava num grupo de prisioneiros que entrevistámos na Beira.

Eu vivia com minha família em Inhaminga — começou por dizer. — No dia 1 de Janeiro saí de casa para

**Texto de ARLINDO LOPES**

**Fotos de KOK NAM  
e JORGE GUERREIRO**

Ir comprar peixe perto dum rio, e pelo caminho encontrei cinco homens armados que me interpelaram. Depois de me pedirem os meus documentos, saberem o que fazia e para onde ia, um deles disse: «Você vai connosco para ir trabalhar como chefe de reconhecimento». Eu respondi que nunca fiz esse trabalho, porque sempre trabalhei como caixeiro numa loja. Eles, como estavam armados, ameaçaram matar-me e eu fui com eles.

O nosso entrevistado descreveu depois a marcha até ao acampamento inimigo, salientando a forma pouco delicada como os seus captores «partilharam» a sua merenda: Como a viagem para o rio onde eu ia, era longa, eu levava comida. Quando chegámos perto da base, os homens armados que me levavam pediram a panela que eu trazia, tiraram a farinha, cozeram massa e comeram sozinhos, dizendo que eu não tinha direito.



Um prisioneiro mostra a cabeça marcada por uma cruz: «Eles punham este sinal aos seus recrutas, a fim de mais facilmente poderem ser identificados em caso de fuga»

Na base apresentaram-me um grupo de quinze pessoas para eu comandar. Depois, numa semana ensinaram como usar a arma e enfrentar um combate e depois mandaram-nos para Inhaminga e Nhângua para uma



José Manhanguê Campira: «Diziam que me pagariam trinta contos de vencimento depois da 'Independência' se eu aceitasse juntar-me a eles»

missão de reconhecimento. Antes de chegar a esses locais parámos ao pé dum rio para pernoitarmos; à noite eu fugi e voltei para casa.

— Porque o puseram logo a comandar um grupo de pessoas se você não tinha qualquer experiência militar? — Perguntámos a Salimo Sualé.

Eu era, aqui em Inhaminga, secretário do grupo dinamizador do meu bairro, por isso diziam que eu já sei trabalhar com o povo. A nossa missão tinha por objectivo conhecer os locais ou lojas do povo que mais tarde pudéssemos assaltar e roubar alimentos.

Este depoimento, como aliás todos os outros, está a ser cuidadosamente investigado pelas autoridades, para apurar da sua veracidade.

Um outro exemplo de prisioneiro que foi raptado e mais tarde participou em diversas acções criminosas por conta dos grupos contra-revolucionários é Faria Olessi, de 25 anos, natural de Sena. É um ex-combatente das FPLM, tendo sido desmobilizado em 1977, segundo afirma, por ter sido dado como inapto.

A primeira coisa que eu disse aos homens armados que me apanharam, na zona de Malingue, em 1979, foi de que eu estava doente e não esta-

va em condições para os acompanhar. Mas eles obrigaram-me a fazê-lo e não tive outro caminho, declarou-nos. Porém, mais tarde, segundo nos conta, realizou diversas missões, desde roubar comida às populações para os grupos que ficavam no acampamento e recrutar soldados para os contra-revolucionários, até emboscar unidades das FPLM, como aconteceu a 11 de Fevereiro de 1980, em Inculumázi, no distrito de Gorongosa, onde foi capturado.

## INHEIRO E REGIONALISMO

Mas os exemplos mais flagrantes do tipo de aliciamento que os cabecilhas daqueles grupos fazem, foram-nos dados por um soldado das FPLM que tinha sido capturado pelos contra-revolucionários numa operação efectuada na Gorongosa, em Março deste ano. José Manhanguê Campira, de 19 anos de idade, era das transmissões tendo conseguido desfazer-se do seu rádio antes de ser capturado. Quando o grupo dos sobreviventes contra-revolucionários fugia de Gorongosa para Sitatonga, conseguiu fugir tendo regressado a Beira.

Sendo um especialista, o grupo tentou por todos os meios ganhá-lo, segundo as afirmações que o nosso entrevistado faz: O chefe dos contra-revolucionários perguntou-me quanto é que eu ganhava nas FPLM, e eu respondi-lhe. Então disse-me: «Daqui a cinco meses vou libertar Moçambique e os meus soldados ganharão 30 contos por mês. Se você colaborar, vamos elevá-lo para comandante e pode chegar aos 40 contos. Uma vez que tais promessas não



Salimo Sualé: «Levaram o meu farnel e comeram sozinhos»

surtiram efeito, o chefe dos contra-revolucionários recorreu a outros métodos: **Você não devia estar nas FPLM, sendo natural de Manica, pr-**



Gabriel Jossias. Foi raptado na escola da Gorongosa por um grupo de indivíduos armados que quis transformar este adolescente num criminoso

que vocês só combatem pelos outros, não há nenhum ministro de Manica.

### ROUBAR COMIDA E DROGAR-SE

Fernando Olessi, um outro contra-revolucionário capturado na região da Gorongosa relatou-nos pormenores sobre a vida no acampamento militar de Canxixe, onde viveu: **A nossa comida provinha dos assaltos que fazíamos às lojas e das populações. Algumas pessoas davam-nos milho, feijão e cabritos que o chefe dizia que seriam pagos depois da «independência». Mas todos os soldados tinham de manhã, ao meio dia e à noite, uma dose obrigatória de soma.**

O distrito de Mossurize é um dos mais afectados pela acção dos contra-revolucionários da chamada RNM. Antes do início da ofensiva das FPLM, em fins de Maio do corrente ano, muitos elementos da população viviam como prisioneiros nas suas próprias casas, desde que alguns grupos armados, vindos do Zimbábwe e da zona da Gorongosa, chegaram às montanhas de Sibatonga.

Foi na localidade de Dombe que fomos encontrar o primeiro grupo de elementos da população dessas zonas, sob custódia das FPLM. Ali nos contaram alguns dos crimes praticados pelos contra-revolucionários, as-

sassinando pessoas, principalmente membros das estruturas de base do Partido FRELIMO e das milícias populares. Um velho, de nome Kassinguene, contou-nos o seguinte:

Quando chegaram os primeiros elementos armados à minha região, o secretário do grupo dinamizador local quis saber quem eram e o que pretendiam. Eles logo começaram a insultá-lo, maltratá-lo, e por fim assassinaram-no. Depois, avisaram toda a gente que não queriam que ninguém se ausentasse para a povoação vizinha. Quem desobedecesse seria morto.

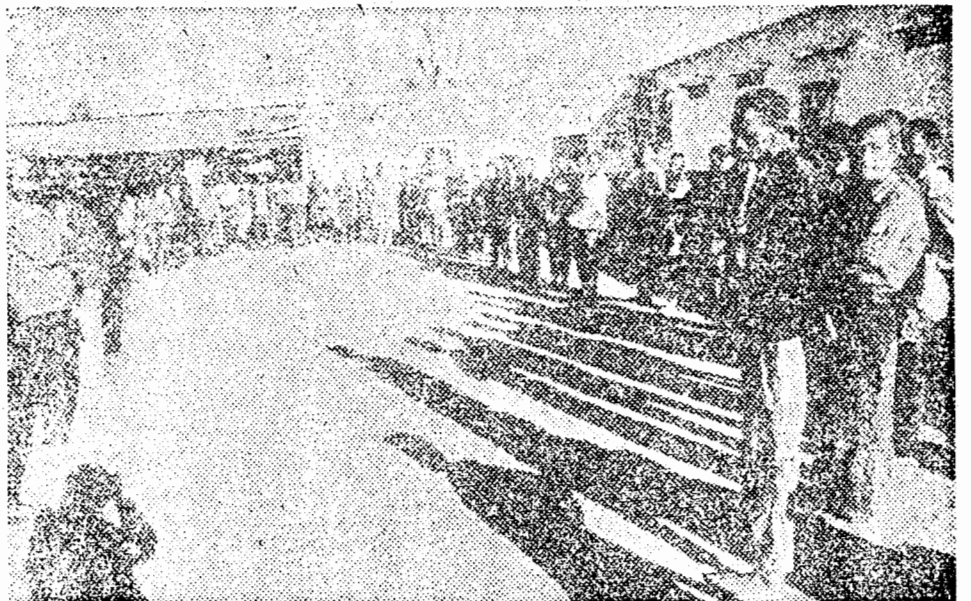
Alberto Vilaça é um agricultor de origem portuguesa, estabelecido no distrito de Mossurize. A sua casa foi

«visitada» algumas vezes pelos grupos contra-revolucionários, tendo-lhes inclusivamente fornecido víveres:

Nós — respondeu Vilaça — não podíamos esses bandidos. Mas quando eles chegavam a uma casa, todos nos assustávamos porque vinham armados. Depois exigiam comida. A mim por exemplo, pediram farinha e eu respondi-lhes que não tinha moagem. «Como? — disseram eles — e você como vive?» Então eu dei a comida que era para mim, mas eles recusaram, dizendo que se calhar estava envenenada. Em vez disso, alguns deles começaram a agarrar as minhas galinhas e eu não podia dizer nada.



Um elemento da população explica os métodos de actuação dos contra-revolucionários: «Quando chegavam à população exigiam-nos comida»



Elementos da população do Distrito de Mossurize que em virtude da ameaças colaboravam com os contra-revolucionários